

Código Deontológico do Jornalista: 11 Pontos a Não Perder de Vista

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.16>

Joana Fillol

Jornalista e investigadora
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-8577-7809>
joanafillol@gmail.com

O que É Isso Exatamente?

Composto por 11 pontos, o Código Deontológico do Jornalista (CDJ)¹ estabelece os deveres e obrigações a que um jornalista está vinculado no exercício da profissão, mas os jornalistas não são os únicos a terem um código deontológico.

É Possível Trocar o Código Deontológico do Jornalista por Miúdos?

Essencialmente, este documento debruça-se sobre o que o jornalista deve ou não fazer nas várias etapas de realização do seu trabalho:

1. *Quando obtém informação*, tem a obrigação de verificá-la, averiguando se é verdadeira. Ao procurar saber mais sobre um assunto, por norma deve identificar-se como jornalista. Deve, também, ouvir as partes implicadas na questão (se a notícia for sobre um conflito entre alunos e professores, deve escutar ambos). Por norma, o jornalista deve também identificar as suas fontes, as pessoas que lhe transmitiram a informação (há exceções, que devem ser isso mesmo e usadas apenas para relatar factos, nunca opiniões).

¹ Pode ser consultado em: <https://jornalistas.eu/codigo-deontologico/>.

2. *Quando relata e interpreta a informação que recolheu* deve ser rigoroso, fiel ao que aconteceu, evitar o sensacionalismo e deixar claro se está a relatar factos ou opiniões. Se a notícia em causa envolver pessoas, deve ainda: respeitar a privacidade dos visados (por norma, já que a esfera privada de uma figura pública é diferente da de um cidadão anónimo); salvaguardar a presunção de inocência se estiver a referir-se a pessoas que estão a ser julgadas em tribunal; não identificar menores de 18 anos, especialmente se forem vítimas ou autores de um crime;
3. *Já depois de ter realizado o seu trabalho* se se aperceber que publicou uma informação falsa ou incorreta, o jornalista tem a obrigação de repor a verdade o mais rapidamente possível.

O CDJ aborda ainda questões que não se relacionam com fases do trabalho jornalístico, mas com o exercício da profissão como um todo. Estabelece, por exemplo, a acusação sem provas e o plágio como as piores falhas profissionais; recorda a importância de os jornalistas serem independentes, não trabalhando em assuntos nos quais possam ter algum tipo de interesse; afirma que os repórteres devem combater e denunciar situações em que considerem estar a ser censurados ou limitados no acesso à informação.

P.S.: Esta explicação não substitui a leitura dos 11 pontos do CDJ.

O Código Deontológico do Jornalista Interessa Sobretudo a Quem Faz Jornalismo, Certo?

A quem faz jornalismo, amador ou profissional, o CDJ recorda os princípios e valores pelos quais deve orientar o seu trabalho. *Mas, a quem segue o trabalho jornalístico*, o CDJ também interessa. Ajuda a construir uma visão crítica sobre as mensagens jornalísticas, permite compreender o que as distingue das outras mensagens que circulam, por exemplo, na internet. O CDJ ajuda, ainda, a compreender a natureza da informação jornalística, a perceber por que razão ela é, por norma, verdadeira, comprovada, independente, posta a circular com o objetivo de informar os cidadãos e não de responder a qualquer interesse oculto (comercial ou político, por exemplo). Ter cidadãos que compreendam a importância do jornalismo em democracia e adotem, face a ele, uma postura crítica beneficia a sociedade como um todo – para Nelson Traquina, um conceituado estudioso do jornalismo, compete aos cidadãos vigiar o chamado “quarto poder”.

Estes Códigos no Jornalismo São Coisa Recente ou Já Têm uns Anos?

Digamos que alguns já têm barbas. O português foi criado e aprovado por jornalistas detentores de carteira profissional em 1993, tendo sofrido algumas alterações em

2017. Mas o código deontológico dos jornalistas mais antigo do mundo data já de 1926 – é o da Associação Norte Americana de Imprensa.

Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto “bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: <https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020>.